

A DESTRUIÇÃO DO IMPÉRIO PORTUGUÊS – PORTUGAL PURICONTINENTAL, PLURIRACIALE PLURICULTURAL NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO UNIVERSAL

José da Luz Ribeiro Ruivo da Silva M. D.¹

RESUMO

O satânico movimento político internacional visa uma transformação radical que, juntamente com o obvio e total apoio da mídia que também são de propriedade destes indivíduos está, aos poucos, excluindo as melhores formas de governo que já existiram em toda a moderna historia da humanidade. Este artigo apresenta a situação de Portugal e sua atuação nos conflitos que agora ocorrem em Timor em uma guerra que nunca terá fim.

Palavras-chave: Política Internacional, Conflitos, Religiosidade

ABSTRACT

The Satanic international political movement aimed at a radical transformation that, along with the obvious and full support of the media are also the property of these individuals is gradually excluding the best forms of Government that have existed throughout the modern history of mankind. This article presents the situation of Portugal and his role in the conflicts that now occur in East Timor in a war that will never end.

Keywords: international politics, Conflicts, religion

¹ Cirurgião Geral pela Universidade de Coimbra, imortal da Academia de Letras, Ciências e Artes de Londrina. Atuou como médico em Portugal, Austrália, Brasil e na Guerra do Timor, Leigo Dominicano a mais de meio século e atua como pesquisador autônomo nas áreas humanas, sociais e biológicas.

INTRODUÇÃO

O homem só alcança a plenitude do ser (sabedoria, inteligência, memória, livre no querer e agir) quando aprende o primordial dever de agradecer: A Deus em primeiro lugar (Javé, Allah, ou Aquele a quem os cristãos tem o direito e o dever de chamar de Pai e Amor).

Do nada, ele, “habitante em sua luz inefável e inacessível, determinou a perpetuação da espécie humana, comprometendo-se numa defina parceria: A cada ser humano, gerado biologicamente pela união Pai e Mãe, (os dois numa só carne) Deus se comprometeu a criar uma nova alma, pessoal, única no ser e no viver, espiritual, à sua imagem e semelhança, indestrutível e eterna. Ao ser assim criado, Ele lhe promete, como fim ultimo de sua vida nesta terra, e com Deus compartilhar de sua alegria na eternidade.

Aos obedientes a suas leis, que Santo Agostinho resumiu quando disse: “Ame e faz o que quiseres”, no fim deste breve período de prova, Ele dirá: “Seres bom e fiel; entre na alegria do teu Senhor”. E este senhor foi definido por ser João: “Deus é Amor”. E o servo fiel ai, com Ele permanecerá por toda a eternidade.

Embora lute por isso, e com os meus 82 anos, ainda não sou completo. Na sua Ode a um amigo morto, o poeta português Sebastião da Gama dizia:”

“Faltava-lhe a morte para ser completo.
A taça estava cheia,
Faltava-lhe a pétala da rosa
Para transbordar.”

E com isto queria significar que, seu amigo já possuía, em grau perfeito, as virtudes humanas que merecem o esplendor da eternidade.

Estou muito longe de ser como o amigo de Sebastião da Gama; mas estou tentando desenvolver em mim a gratidão, como uma das virtudes que definem a pergunta humana, até que chegue o completar do meu Eu.

Por todas estas considerações, hoje aqui estou agradecendo: a Deus, que me concedeu o ser e o agir, na plena liberdade de filho seu.

E a este clube, e seus integrantes vivos e mortos por todas as gentilezas que me dirigiram.

Chegada do Timor Português e tendo passado quase dois anos como residente de Liverpool Distinct Hospital, que integra a Universidade de Sidney, na Austrália, desembarquei no Rio de Janeiro em 11 de junho de 1977. Ali esperei por quatro meses, a legalização de meus diplomas universitários. Nos fins de outubro desse ano, o Professor Adriano Moreira, que tinha sido professor do meu irmão Eduardo no Instituto de Altos Estudos Ultramarinos, colocou-me em contato com o grande homem e grande coração que foi João Milanes. Dono do Jornal que tinha criado, a Folha de Londrina, também ele era rotariano, sócio deste clube. Aqui me trouxe para me apresentar às elites de Londrina, e proferir uma palestra sobre as minhas

REFERÊNCIAL TEÓRICO

Mémórias de Timor

Antes eu ignorava que não poderia exceder os vinte minutos, porque em Lisboa, uma palestra desenvolve-se por 45 minutos. Foi aquilo que aqui chamam de minha primeiro “pisada na bola”.

Tento então apressadamente resumi-la; mas hoje aqui vo-la trago no seu texto integral,

Vinte e sete anos depois, e sendo então Presidente deste Clube a Ex-governadora Distrital Pillar Gonzaga Vieira, de quem sou amigo, como o fui, durante muitos anos, de seu excelente e preclaro marido, o saudoso Doutor José Gonzaga Vieira.

A companheira Pillar, e em razão da então recente independência, (aparente degrau) do que passaram a chamar Timor leste, ele me convidou para comentar esse pacto. Aqui então fiz uma palestra intitulada:

Mémórias de Timor (passados 27 anos)

Que arquivos trago também.

Por todo este contexto, eu tenho de estar muito grato a este clube e a tantos de seus companheiros, que durante estes meus 35 anos de permanência no Brasil, sempre me tem bem recebido e acarinhado.

Finalmente eu tenho de agradecer a vossa gentileza e amabilidade recentes. Meu sobrinho José Eduardo, veio ao Brasil convidado pelo CREA de São Paulo, e em representação da Ordem dos Engenheiros de Portugal, proferir uma conferência em encontro de profissionais de engenharia naquela cidade, no dia 24 de julho passado.

Lembrando-se de seu velho tio, que não via há onze anos, voou mais quinhentos quilômetros para o alegrar com sua presença. E, por vossa bondade e gentileza a este clube veio proferir a palestra intitulada: “A missão da Engenharia de Segurança no Trabalho”.

Mais uma razão tenho para vos agradecer a sua recepção.

E culminando na vossa amabilidade, a companheira Presidente Aparecida Goretta Ferrari quis que aqui hoje falasse mais alguma coisa sobre Timor.

Repetir ou resumir o que aqui, e por duas vezes já foi dito, achei não ter interesse de maior; pelo que pensei então incluir no contexto “globalização”, as razões de destruição do Império Português. O penúltimo ato foi a destruição de Timor. O último até agora foi a entrega de Macau à China, efetuada mesmo contra vontade do Governo Chinês. O seu embaixador, no plenário da Assembleia Geral da ONU, disse:

“Portugal está em Macau, há mais de 400 anos, mercê do tratado havido entre o Imperador da China e o Rei de Portugal. Hoje, o Presidente da Republica Portuguesa, e o governo comunista Chinês exige de Portugal, o cumprimento de sua parte no tratado havido.” Meu primo, José Manuel Pintasilgo, irmão de Maria de Lourdes Pintasilgo, que foi a primeira mulher Portuguesa a ocupar o cargo de Presidente do Conselho de Ministras, e candidata independente a Presidente da Republica em Portugal, então jornalista presente na ONU, assim o ouviu e assim me contou.

O que ides ouvir foi o que realmente aconteceu e contradiz o que a propaganda orquestrada contra Portugal e a lavagem cerebral que os meios de comunicação geralmente veiculam, obedientes que são ao Governo Mundial realmente há muitos anos, talvez séculos vem difundindo.

Como sempre, em minha vida, arrisco-me a ser tomado como um novo Fernão Mendes Pinto.

Este viajante português no século XV, percorreu extensos territórios, tendo chegado até o Catai, hoje China. Ao voltar a Portugal escreveu um livro que intitulou

“Peregrinação”, e que arquivos mostram, no qual escreveu muitas coisas novas e estranhas que tinha vista e vivido.

Então, os invejosos, os incapazes, (sempre os há em todos os tempos e lugares) diziam: “Fernão: tu mentes? Minto”. Pessoalmente vos afirmo que aquele que escrevi foi o que eu vi, ouvi e vivi.

Globalização

As instituições, todas elas, em si não podem ser boas ou más; não tem alma, não tem querer, mas tem agir. A maldade ou a bondade que se lhes atribui, reside na qualidade e ação os homens que as dirigem, e não é o acaso ou os “Ventos da História” que isso fazem. Pessoalmente creio e costumo dizer que a qualidade desses ventos depende de quem os assopra e, ou são suaves brisas ou furiosos furacões.

Em meados do século XX, escrevia Fernando Pessoa, outro poeta, escritor, jornalista português, pensando no Infante D. Henrique: (Vol I – pag 1154).

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quis que a Terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,

E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a Terra inteira, de repente,
Surgir, redonda do azul profundo.

Quem te sagrou criou-te português.
Do mar e nós em ti nos deu sinal.
Cumpru-se o mar, e o Império se desfez
Senhor, falta cumprir-se Portugal!

Contemplando o universo da Criação, podemos observar que tudo foi harmoniosamente criado, cada ser, maravilhosamente adaptado para as funções a que foi destinado.

Uma globalização universal, fundamentada na complementaridade de raças, culturas, religiões, costumes, tradições, irmana todos os homens na sua condição de Filho de Deus, membros de seus corpo místico, cuja cabeça é Jesus, o Senhor.

Este tipo de globalização, respeitando identidades e individualidades é bom. Deus o quer, e os portugueses abriram os seus horizontes para todo o mundo quando, “Por mares nunca antes navegados...Em perigos e guerras esforçados, mais do que prometia a força humana. Entre gente remota edificaram, novo reino que tanto sublimaram”.

Como o disse Luiz de Camões.

Levando consigo a civilização Cristã Ocidental, os portugueses promoveram a sua interligação com outras culturas e civilizações, e criaram novas culturas que em si incorporaram a ideia que ensina um Deus único e trino, que existe, e é sobretudo Pai e Amor Perfeito.

E que a todos ama igualmente. Por isso muitas pessoas, conhecendo este novo conceito de Deus, a ele facilmente aderiram.

O “inimigo”, como lhe chamou Jesus, querendo destruir a obra de Deus, ao qual se supõe semelhante, pretende um outro tipo de globalização, agora fundamentada numa unicidade, que imita o comportamento dos enxames de abelhas, ou o viver nos formigueiros. Dividiu os homens em duas classes, os seus seguidores, os senhores que detém todos os direitos, havidos e treinados pare uma única junção, impedidos de pensar ou querer, condenados a ser apenas mais uma peça de grande maquina, e que se substitui e destrói quando, velha e já gasta, não possa exercer a contento as suas funções. Hoje, na Holanda, os velhos aposentados estão fugindo do país, principalmente para a Alemanha. Uma lei existe atualmente, pela qual, a pedido de, família, que se queira livrar deles, ou do Ministério publico, se permite serem sujeitos a eutanásia, mesmo que não estejam doentes e isso o não desejem. Nada de novo: na Grécia antiga isso já acontecia, como acontece nos povos nômades do deserto do Kalahari, nos quais os velhos são abandonados quando não mais puderem acompanhar as migrações da Tribo.

Em oposição a Deus, o “inimigo”, pelos seus pressupostos criou: um governo mundial único, nômade, não eleito. Um parlamento mundial único, cujos deputados são nomeados, não eleitos (a ONU já existe e o Parlamento Europeu – os deputados são nomeados pelos partidos).

Um Sistema Judiciário único (há alguns meses na Europa se fez uma reunião de qual também participaram juristas brasileiros, no qual se procurou uma unificação das leis e estabelecer as bases desse sistema judiciário global).

Um Banco Mundial único que já existe. Uma moeda única, da qual a implantação do Euro já um começo. Um sistema universitário único. Há 4 ou 5 anos, em Bolonha se reuniram os reitores das principais universidades europeias e foram criadas cerca de 463 cursos universitários, todos com duração de 3 anos e que já foram implantados na Europa. Meus sobrinhos-netos, filhos deste meu sobrinho que aqui tão gentilmente foi acolhido, já estudaram neste sistema.

A desculpa dada para esta unificação dos cursos, ditos universitários, mas que no tempo do governo de Salazar mais não serviam que escolas técnicas de ensino médio, é que unidos as materiais, os profissionais delas saídas podem encontrar emprego em toda Europa, mais tarde, em todo o Mundo.

Haverá também uma única língua falada em todo o mundo. Finalmente, para garantir a obediência destes novos escravos, que em si trarão implantados microchips sob a pele da testa ou no dorso da Mão direita, será criado um exercito ou policia Mundial única que garantira o exercer o poder efetivo e absoluto a esse pequeno grupo de senhores privilegiados e que será principalmente por chineses ou japoneses, porque estes povos são os mais tradicionalmente educados na obediência cega (ver a verdadeira histórias Clube de Bildeberg – seus objetivos).

Para que tudo isto aconteça é necessário destruir todo o resquício de família, nação, pátria, soberania, país, cultura, tradição e sobretudo religião que não seja a religião oficial do Estado (Caesar Iperator Divinus Est). Então não haverá mais homens, pessoas, mas apenas indivíduos abúlicos incapazes de pensar e agir. Apenas o sentir, o prazer imediato e inconsequente os guiará na sua existência.

Portugal, o principal obstáculo

Porque destruir o Império Português ?

A primeira e a principal de todas as razões esta na capacidade dos portugueses de a si aglutinarem todos as pessoas com que contactaram. Levavam armas?

Certamente; mas o que levaram principalmente foi o espírito. O “Rhuah” o sopro que sai da boca de Deus, o Espírito Santo que a todos reanima e unifica filhos do mesmo Deus. Durante os três primeiros séculos de sua existência, em Portugal nunca houve lutas religiosas. Os judeus, os muçulmanos e os cristãos, viviam lado a lado, nos seus territórios, sujeitos a suas leis, a seus chefes, a suas religiões, e tendo em comum, como soberano único, o Rei de Portugal. Só após as revoltas protestantes, e em razão de paixão de um homem, o Rei D. Manuel, pela primeira D. Maria, filha dos intolerantes Reis Católicos de Leão e Castela, o qual impôs como condição para com ele casar a expulsão dos judeus, se iniciaram as questões religiosas em Portugal, que culminaram no Reinado de D. João III com o estabelecimento da Inquisição Régia. Embora dirigida por membros da Igreja, mais não passava, e sobretudo em Espanha, de um aparelho do Estado, uma polícia política com outra qualquer, apenas tendo como capa e religião.

O novo governo mundial, na remoção administrativa do mundo, estabeleceu novas regras, para o efetivar a nova globalização.

Num primeiro tempo, e pela conferencia de Jalta, ratificado posteriormente pela conferencia de São Francisco, o mundo foi dividido em três grandes zonas de influência. Então, frente a Rossevelt e a Staline, Churchel foi voto vencido, enquanto o general de Gaule não foi convidado. Assim: América do Norte, América Central e América do Sul, Alasca, Ilhas do Pacífico e Japão ficaram reservadas com terreno de caça para os Estados Unidos da América do Norte.

A Europa, a África e o Próximo oriente, ficaram sob administração russa. Todo o resto do oriente ficaria para domínio da China, já então se prevendo como tendo a Rússia como mentora. Ao assinar este tratado, Roosevelt teria dito a Staline: “O Papa Pio XII não vai gostar deste tratado.” Ao que Staline teria retorquido: “E quantas divisões tem o Papa Pio XII?”.

Em continuação de planificação da nova arquitetura administrativa mundial, de que Jalta foi uma primeira fase, irá seguir-se a divisão do mundo em 10 territórios administrativos, (será coincidência a pré-figuração das dez cabeças covardes do monstro descrito no Apocalipse de São João?).

Nesta sequencia, e, contra tudo e contra todos, mesmo contra a vontade das populações, sob o império os senhores do Mundo serão nomeados os governos delegados para essas dez regiões. Então, não haverá mais países, não haverá mais uma soberania nacional, porque não haverá mais nações, nem haverá mais religiões, exceto a Religião do Estado. Nada mais haverá senão senhores e escravos. Quem a isto se opuser será pura e simplesmente eliminado, até que a população mundial seja reduzida a 2 bilhões e meio de habitantes no ano de 2050. Este é o numero que pessoas que os senhores do mundo calculam que pode ser ditatorialmente dominado por uma única força policial.

Por estas razões, Portugal, país multicontinental, multicultural, multiracial, tolerante a todas as culturas e credos religiosos tinha de ser destruído.

Nada de novos: pelos anos de 1890, já a maçonaria Portuguesa, pela voz de seu Grão- Mestre Magalhães de Lima, preconizava a construção de uma união Ibérica como inicio de uma União Europeia, a qual levaria à união Mundial. A revolução que instaurou a Republica em Portugal, no ano de 1910, após o assassinato do Rei D. Carlos e do Príncipe Real D. Luis Felipe, em 1908, e sem ter havido qualquer plebiscito que referendasse a nova situação política já tinha como objetivo essa União Ibérica.

A destruição de Portugal, tal como hoje a vemos, a começar pela destruição da alma dos portugueses era uma necessidade absoluta para obter uma reformulação política e administrativa do mundo, o objetivo do governo mundial. Com o engodo que tudo virá a ser melhor, porque tendo diminuído a população haverá mais bens a

distribuir pelos remanescentes, os ignorantes, idiotas, uteis hoje incapazes de racionalmente pensar (sabemos que 83% são analfabeto funcionais) irão apoiar o estabelecer essa Nova Ordem Mundial, até que um dia acordem e então irão perceber que caíram na mais objetiva e cruel escravidão, comandada pelas propostas de Sátanas, o Inimigo, cujo fim último sempre será a destruição da obra de Deus.

Creio ter dado algumas das razões pelas quais Portugal tinha de ser destruída.

A Hipocrisia Consumada

Sua santidade do papa João Paulo II disse: “O século XX foi o século da Hipocrisia”.

Vejam alguns argumentos usados pelos doutrinadores de plantão:

1 - Portugal é um país pobre e pequeno demais para poder desenvolver rapidamente e a contento as populações e os seus territórios ou províncias ultramarinas (O Sr. Almeida Santos lhes chamava territórios sob administração portuguesa).

Pergunto eu: qual o tempo necessário para trazer uma população da Idade da Pedra até aos tempos atuais, sem causar traumas irreversíveis?

Quem tem autoridade moral para isso determinar?

Como explicar então que, nos Estados Unidos, 30% da população vive abaixo da linha de pobreza? Que 25% da população, não tenha acesso a Serviço de Saúde?

E como explicar que, em Malaca, aonde os portugueses administraram por apenas sessenta anos e após dominação inglesa (?), quinhentos anos depois de sua saída, ainda existe hoje, o Bairro dos portugueses, a Igreja de Santo Antonio dos Portugueses, se fale o português do século XVI, e sua população se considera superior a seus vizinhos, casando entre si?

Como explicar goa? Como sua faculdade de Filosofia e Teologia, dirigidas pelos jesuítas, com sua Escola Médica-cirúrgica, centro de cultura e Artes, no século XVI o seu prestígio atraía estudiosos do Oriente. Um pintor japonês aí foi residir, e a pedido de quatro amigos do poeta Luiz de Camões, tendo sido conhecida sua morte, dele fez um Retrato falado. Nele seus amigos escreveram que “está parecido com o original” e assinaram seus nomes. E como explicar raça goesa fruto do casamento de vinte oficiais solteiros que integraram a esquadra de Afonso de Albuquerque com escolhidas vinte princesas indianas? Seus descendentes ainda hoje tem proeminência na região e D. Ivan Dias era, não sei se ainda é hoje, Cardeal Arcebispo de Bombaim.

Como explicar que em 1640, da Baía saiu uma frota militar, comandados por Salvador Correia de Sá e Benevides, integrada por brancos, negros e índios, que foi conquistar Angola para Portugal, libertando-a do domínio Holandês? A primeira expedição destinada a construir um Brasil, então Terra de Santa Cruz, aqui chegou em 1530, comandado por Martim Afonso de Souza. Em 1580 Portugal deixou de existir como país independente, então os seus súditos passaram a ser espanhóis.

Como em apenas 50 anos um Brasil se reconheceu português, a ponto de tomar armas para lutar em África por Portugal? – 50 anos foram suficientes para fazerem de brancos, negros índios e mestiços cidadãos portugueses.

E Timor ?

Quando Xanana Gusmão, estando no Brasil, foi entrevistado no programa de televisão Roda Viva, logo após a sua investidura como Presidente da República daquela ilha, um sacerdote, não sei se brasileiro, mas falando com forte sotaque germânico, lhe perguntou: “Porque os timorenses não adaptaram o inglês como idioma oficial?” Note-

se que este sacerdote se preparava para ir para Timor como missionário. (aqui pergunto eu: para ensinar inglês?).

Xanana Gusmão lhe respondeu: “Nós não podemos renegar quinhentos anos de idioma, de história de cultura e religião. Por isso escolhemos o português.

Não é a pressa, que faz e consolida homens, riquezas ou civilizações; nem sequer as “Ventos da história”.

Um outro argumento usado para o esfacelar do Império Português era a grande distância da metrópole para seus territórios ultramarinos.

Porque os Estados Unidos não dão a independência ao Alasca, ao Haway, ou as outras múltiplas regiões espalhadas pelo mundo, e nas quais impõem a sua soberania?

Esta a Inglaterra perto das Ilhas Malvinas? Ou os outros múltiplos territórios como a Austrália, cuja rainha é Isabel de Inglaterra? Ou daqueles vários territórios, dos quais saíram administrativamente, mas continuam a dominar economicamente?

Estaria a França mais perto da Guiana, do que Portugal estava de Angola?

Se é a língua que dá unicidade pátria, porque se não respeita o português falado em Goa, Damião, Diu, Malaca, Timor, Macau, Angola, Moçambique, e em vários outros territórios, incluindo Boston, nos Estados Unidos?

Outras perguntas inquietantes se podem fazer:

- Porque o Presidente da República de Timor, dez anos após se ter tornado independente da Indonésia, foi a Portugal pedir um estatuto de adesão igual ao que existe para as ilhas de Madeira e dos Açores, abdicando assim duma independência conquistada da Indonésia?

- Porque o Presidente de Cabo Verde foi a Portugal pedir que o arquipélago, que era formado por ilhas desertas até que os portugueses as descobriam, e usando exatamente o argumento de que sua população era descendente de portugueses brancos ou negros, vindos de outros territórios já então integrados a Portugal, fosse também admitido na União Européia, como parcela de Portugal que tinha sido por quatrocentos anos?

- Porque a pluricontinentalidade nacional é válida para os Estados Unidos, para a Inglaterra, para a França, para a China, (que reclama a posse da ilha Formosa) para a Holanda, e não é válida nem passível para Portugal?

- Se entre as razões apresentadas estão em que o pequeno desenvolvimento econômico se fazia lenta, mas seguramente, porque é que Moçambique, hoje, após uma independência de 35 anos, é o país mais atrasado da África abaixo do Sahara?

E porque é que Angola, que era a segunda economia Africana, só perdendo para a África do Sul, está agora reduzida a um feudo do ditador José Eduardo dos Santos, (ele pode ser por mais de 30 anos) cuja filha detém ou controla todas as empresas rentáveis, de Angola e não só, pois está comprando imóveis, empresas, bancos e companhias até em Portugal? E as pessoas de Angola estão agora muito mais pobres do que em 1961, quando num só dia, foram torturadas e mortas mais de 8.000 portugueses? Isto aconteceu por conselho do almirante português Rosa Coutinho, a que alguns chamaram de Rosa Vermelha por suas tendências extremistas em prol do comunismo, que tinha dito aos assassinos: “Os portugueses são muito ligados à terra, então é preciso muito terror e violência para os poder afugentar”. Não vou descrever os serviços e torturas que em Angola aconteceram, e que vi em Timor.

E porque é que o ditador angolano, depois de ter tudo em seu território cerca de 30.000 soldados comunistas oriundos da Rússia e da Alemanha Oriental; e cerca de

100.000 soldados cubanos, agora voltou a chamar os portugueses? Disse-me meu sobrinho que já mais de cem mil portugueses emigraram ou regressaram a Angola; e esta corrente migratória está sendo estimulada, para que de novo possamos construir tudo aquele que os escravos do governo mundial destruíram até agora, e para que fora fruto de nossa ação colonizadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- Sabemos que em Timor, cuja população era de 650.000 habitantes quando ali chegou em 1973, existem 36 dialetos diferentes, muitos dos quais ininteligíveis entre si. (o média Góes, chefe dos serviços de saúde de Timor quando ali cheguei, o doutor ditador Amarehanti, falava fluentemente 16 desses dialetos). As guerras entre essas diversas tribos que os falam, só tinham acabado porque todas elas aceitavam uma soberania portuguesa; mas nunca aceitaram o domínio de uma tribo sobre as outras.

Foram os missionários dominicanos que, em sua pregação trouxeram Timor para Portugal. E a Cruz da Ordem Dominicana fazia parte do Brasão de armas da Bandeira de Timor.

O mesmo acontecia em Angola; e as guerras fratricidas que, de há 40 anos assolam aquele país, tem a mesma origem. Todos aceitaram e se diziam portugueses, brancos, negros ou mulatos, englobados numa soberania, integração e miscigenação cultural, etnias e religiosa com Portugal. Nenhuma etnia aceitava ser dominada por outra etnia local. As lutas internas estão agora diminuindo porque, as chefias locais tem vindo a ser eliminadas por um lado. Por outro lado, e para que possam extrair e roubar as riquezas de Angola, é preciso que haja uma paz relativa. Para isso, os senhores da guerra, aqueles que vivem e enriquecem à custa do derramar de sangue alheio, estão reduzindo a venda de armas para os grupos beligerantes; o que impossibilita a continuidade das lutas.

Deste modo, estão desaparecendo os grupos étnicos mais fracos.

Cabinda que com seu petróleo em expansão é a maior produtora de riquezas de Angola, quero ser independente, apesar de sua população não chegar a 1 milhão de habitantes.

Curiosamente em Cabinda, aonde os americanos comandam e usufruem dessa exploração, nunca houve ações terroristas em todo o período de guerra, começada em 1961. Esta é outra curiosa coincidência...

Fui extenso; mas muito mais ficou por dizer. Temo que as lutas raciais, e não só, que se deram em Portugal se venham a repetir no Brasil; mas isso ficará para outra vez.

F.L.D.

José Ruivo da Silva

REFERÊNCIAS

Certamente, as pesquisas de meu professor são referenciadas em vasta e rara bibliografia de sua propriedade, mas, este estudo é fruto de sua experiência de vida e de pesquisa, o fator natural que foi passado por pesquisadores reais fazem muitos séculos, esta norma que nos dita: Vá aprender suas lições com a natureza.

Em virtude deste fato, este artigo não possui referencias bibliográficas formais, somente a experiência de vida natural e também acadêmica, pois, além de presenciar o horror de uma guerra onde o mesmo realizou milhares de cirurgias, a parte acadêmica também é de sua única fonte, pois estamos tratando com um homem que possui mais de sessenta anos de carreira acadêmica.

É de público conhecimento o profundo sentimento de admiração e respeito por parte da minha pessoa para com este homem, mas, sinceramente, não é este o motivo desta declaração, pois, de FATO, a confecção deste texto não foi baseada em nenhuma literatura, este texto, em toda a sua integralidade, foi extraído de sua vivência e experiência.

F. L. D.

Professor Renato Nogueira Perez Avila